



A IMPORTÂNCIA DA ESCOLHA NA TEORIA ARISTOTÉLICA DA AÇÃO

MARCOS BRIZOLA¹; JOÃO HOBUSS²

¹Universidade Federal de Pelotas – marcosvrb1994@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – joao.hobuss@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No capítulo em que se encontra o núcleo duro da teoria aristotélica acerca da responsabilidade moral, (EN III 1-5) Aristóteles delineia mais um daqueles conceitos que abarcam uma noção repleta de relevância para o seu século e aos séculos posteriores. É sobre este conceito que iremos discorrer brevemente neste resumo: o conceito de escolha e suas implicações não só na teoria aristotélica da ação, mas também como ele vem se desdobrando no imaginário contemporâneo. Um conceito tão valioso à humanidade e que teve sua importância acentuada principalmente a partir das configurações de sociedades pautadas pelas mais diversas formas de democracia no que diz respeito à escolha.

Costumeiramente ousamos dizer que somos livres pois podemos fazer escolhas. Esta sensação de liberdade atrelada à escolha é fomentada e permeia todo o nosso imaginário. Nos sentimos livres pois pensamos ter o poder conferido através do direito de exercer nossa escolha em decisões importantes como quando votamos para os nossos representantes de turma, reitores de universidade, vereador, deputado, presidente... etc Num âmbito mais mezinho e banal da vida, não é raro vermos na sociedade contemporânea um certo orgulho pelo fato de -a despeito dos inúmeros problemas- o modelo socioeconômico vigente possibilitar o nosso acesso para que venhamos a saciar nossa ânsia pela escolha.

A partir das decisões mais triviais do dia-a-dia nos colocamo-nos em posição de escolha com relação a roupa que usamos, qual marca de cosmético e em qual fast food nos alimentaremos, e por aí vai... Qual cor de cabelo pintar? Qual filme dentre esta centena de opções será a escolha mais acertada para que eu venha a ter o meu tão esperado entretenimento?

Num primeiro olhar, tais questões parecem mais voltadas a aspectos mais subjetivos, e de certa forma até irrelevantes, mas a problematização acerca destas questões pode suscitar algumas considerações interessantes acerca da teoria de Aristóteles a também sobre as nossas concepções hodiernas. Adentrando agora na esfera moral -que é onde pretendemos chegar com a nossa investigação- como podemos perceber as diferenças entre essa noção de escolha e aquela defendida nas primeiras elaborações das teorias filosóficas?

2. METODOLOGIA

A metodologia consistiu em leituras, fichamentos, anotações e comparações das obras de Aristóteles onde podemos capturar estas noções aqui elencadas como sendo relacionadas à escolha. Além disso foram utilizadas também as percepções de alguns fenômenos contemporâneos para que o contraste entre tais noções possam ser sublinhados em fortes tonalidades.

Neste sentido que a principal obra a ser utilizada será a *Ética a Nicômaco* pois é nela que podemos ver a implicação da escolha com as questões mais voltadas a

moralidade, embora no “Sobre a Alma” possamos extrair mais claramente esta noção do ponto de vista da descrição teórica. Para uma contextualização mais recente e para uma hermenêutica mais aprofundada, utilizei também de alguns dicionários para ver como o verbete escolha tem suas acepções decorrentes dos variados idiomas nos quais percorremos, desde o grego antigo, até o português brasileiro.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No terceiro livro da *Ética a Nicômaco*, após a descrição dos atos voluntários, involuntários e mistos, Aristóteles inicia o assunto acerca da escolha e as diferenças entre o ato voluntário e o ato escolhido. Faz-se necessário uma explicação mais detalhada sobre a escolha.

Tendo sido delimitados desta forma o voluntário e o involuntário, devemos passar agora ao exame da escolha, que, para os espíritos discriminadores, parece estar mais estreitamente ligada às virtudes do que as ações. A escolha, pois, parece ser voluntária, mas não se identifica com o voluntário. O segundo conceito tem muito mais extensão. Com efeito, tanto as crianças como os animais inferiores participam da ação voluntária, porém não da escolha; e, embora chamemos voluntários os atos praticados sob o impulso do momento, não dizemos que foram escolhidos. (ARISTÓTELES 1111b 5-10)

Como podemos ver, Aristóteles enfatiza a importância da escolha na construção da ação e é através desta que é traçada a conexão entre ação voluntária, virtude e vício. Aristóteles então define o que acontece na alma dos agentes, pois virtudes são características dos seres humanos, visto que se relaciona às ações, e, portanto, exclusivas a nós, seres humanos. A *escolha* é definida para Aristóteles como o desejo deliberado sobre as coisas que estão do nosso poder, e esta escolha pode ser escolha de algo, ou escolha em vista de algo.

A noção de escolha torna-se então paradigmática no que tange às discussões acerca da responsabilidade moral. Resumidamente ela é o aspecto psicológico que caracteriza os apropriados objetos de louvor e censura e que provê o caminho pelo qual os meios que ambas: racionalidade e as disposições morais de caráter podem manifestar na ação humana adulta.

Que é ela, pois, e, que espécie de coisa é, se não se identifica com nenhuma daquela que examinamos? Parece ser voluntária, mas nem tudo que é voluntário parece ser objeto de escolha. Será, pois aquilo que decidimos numa análise anterior? De qualquer forma, a escolha envolve um princípio racional e o pensamento. Seu próprio nome parece sugerir que ela é aquilo que colocamos diante de outras coisas. (ARISTÓTELES 1112 a 17)

Num primeiro momento, quando traduzido para o nosso idioma, o termo “escolha” provavelmente não desperte em nós o sentido e a importância deste conceito em sua completude¹. Aqui a noção é muito mais atrelada a noção moral, tanto que Aristóteles ao abordar a *prohairesis* no final da passagem, utiliza a etimologia deste vocábulo no final do segundo capítulo, acrescentando que “seu próprio nome parece sugerir que ela é aquilo que colocamos diante de outras

¹ Na definição de Silveira Bueno, o vocábulo *escolha* no português brasileiro apresenta as seguintes definições: “Seleção”; “Gosto”; “preferência”; “opção” “eleição”. No dicionário de inglês o vocábulo “choice” (HOUAISS, 1997 p. 129) apresenta também estas mesmas definições



coisas” (pro heteron haireton) . A *prohairesis*, essa escolha mais associada a questão moral é mais uma das inúmeras contribuições de Aristóteles para o vocabulário filosófico.

É neste sentido que a escolha aqui na *Ética a Nicômaco* vai muito além da noção contemporânea que a define como o ato de opinar entre duas opções. A escolha na gramática aristotélica pressupõe uma série de pré-requisitos para que o agente possa dispor desta, pois ela se desenvolve após determinada disposição de caráter ter se estabelecido.

Como podemos ver, na medida em que escolhemos, uma série de faculdades e disposições de nossa alma são acionados. Vejamos aqui no tratado “Sobre a Alma” um trecho que faz uma sutil diferenciação do modo em que alguma destas faculdades ocorrem em todos os animais, enquanto algumas são características restritas aos seres humanos:

A alma é definida especialmente por duas diferenças, isto é, pelo movimento espacial e por entender e pensar. O perceber assemelha-se, com efeito, ao entender e ao pensar. [...] Ora, é evidente que perceber e pensar não são o mesmo: de um participam todos os animais, enquanto do outro participam poucos. ‘Perceber’ também não é o mesmo que entender, em que ocorre o entender corretamente e o entender incorretamente; o entender corretamente, então, é a sensatez, a ciência e a opinião verdadeira, quando o entender incorretamente é o contrário daquelas. É que a percepção dos sensíveis próprios é sempre verdadeira; mais, ela pertence a todos os animais. (ARISTÓTELES 427 a20- b 10)

Podemos ver aqui, juntamente com a noção de escolha como ela se desenvolve para o processo de desenvolvimento do caráter. A alma, este termo que num primeiro momento parece trazer uma conotação espiritual, aqui se trata de um princípio racional, princípio este que nos torna capazes de ações, não no sentido de fazer qualquer coisa, mas agirmos como seres humanos, movimentando todo um conjunto de faculdades e disposições para que venhamos a escolher o nobre, caso sejamos virtuosos, ou o vil, caso já estejamos vencidos pelo vício.

4. CONCLUSÕES

Como podemos perceber, a retomada da filosofia aristotélica principalmente em meados do século XX é um importante material para problematizarmos algumas noções geralmente incutidas como dogma nas correntes de pensamento que predominam no debate público. A liberdade baseada numa concepção atrelada à escolha é um princípio interessante para nortearmos algumas visões, mesmo assim ela prescinde alguns questionamentos e inflexões na medida que podemos ver que a própria liberdade é enxergada no âmbito da não coerção.

Mas num mundo de algoritmos e anúncios cada vez mais personalizados e direcionados, onde o poder de influência sobre a nossa capacidade de raciocinarmos e agirmos parece influenciada de modo imaginado apenas em filmes de ficção científica dos anos 80, em que maneira podemos dizer que somos livres, ou até que ponto podemos dizer que escolhemos, mesmo nestas acepções mais banais de escolha como por exemplo nas questões de consumo?



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

_____. **Sobre a Alma**. (Tradução de Ana Maria Lóio) Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2010.

BOBZIEN, S. Choice and Moral Responsibility (NE III 1-5). In: POLANSKI, R. **The Cambridge Companion to Aristotle's Nicomachean Ethics**. New York: Cambridge University Press, 2014. Cap.5, pp.81-109.

BUENO, F.S. **Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora FTD, 1996.

DI MUZIO, D. **Aristotle on Improving one's character**. *Phronesis*, v.45, n.3 pp: 205-219, 2000.

HOUAISS, A. **Dicionário inglês-português**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

HÖFFE, Otfried. **Aristóteles**. (tradução de Roberto Hofsmeiter Pich) Porto Alegre: Artmed, 2008.

LIDDELL&SCOTT. **Greek-English Lexicon**. Oxford, 2007.